ISSN: 2358-8829

ENTRE O SERTÃO E A CIDADE: LITERATURA, TEATRO E GEOGRAFIA URBANA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Moisés de Oliveira [1]

INTRODUÇÃO

Como ensinar Geografia Urbana a estudantes de um município de pequeno porte quando parte dos exemplos curriculares vem de grandes cidades? Em uma escola pública de tempo integral de Caridade, no sertão cearense, essa questão orientou uma experiência com o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. A atividade reuniu a leitura de capítulos da obra, a discussão de conceitos geográficos e a montagem de uma apresentação teatral por uma turma da 2ª série do ensino médio técnico. O problema pedagógico consistia em encontrar mediações que permitissem aos estudantes interpretar formas de moradia, relações de trabalho e desigualdades urbanas situadas em outro lugar e em outro tempo.

O trabalho parte da ideia de que a distância entre Caridade e o Rio de Janeiro representado no romance pode ser explorada didaticamente. O lugar vivido oferece referências para pensar quem utiliza determinados espaços, como as pessoas circulam e como se organizam as relações de vizinhança. A narrativa acrescenta a esse repertório conflitos e arranjos espaciais próprios de um contexto diferente. A comparação entre as duas escalas permite investigar como as desigualdades assumem formas específicas em cada lugar e como questões de moradia e de trabalho conectam realidades distintas.

Publicado em 1890, *O Cortiço* organiza parte da ação em torno de uma habitação coletiva e das relações entre seus moradores, seu proprietário e a vizinhança (Azevedo, [s.d.]). O contraste entre a estalagem e o sobrado, a proximidade entre a moradia e a pedreira e a presença dos espaços comuns oferecem situações concretas para discutir Geografia Urbana. Essas situações chegam aos leitores por meio de um romance naturalista, com escolhas de linguagem e interpretações próprias do período. A leitura em sala de aula abriu, assim, duas frentes de trabalho: compreender as relações espaciais

[1] Professor de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Ceará - CE, prof.moises.de.oliveira@email.com;

ISSN: 2358-8829

representadas e examinar criticamente a maneira como o narrador atribui sentidos a lugares e personagens.

O objetivo deste artigo é analisar as potencialidades da leitura literária e da representação teatral como mediações para o ensino de Geografia Urbana. O estudo foi organizado como relato de experiência de abordagem predominantemente qualitativa, descritiva e aplicada. Foram considerados três indicadores obtidos em questões fechadas e a síntese temática das respostas abertas. A discussão distingue a receptividade dos estudantes das aproximações conceituais identificadas na avaliação e examina os desafios de organização relatados ao fim da atividade.

A maior parte da turma declarou desconhecer a obra antes da proposta, e a avaliação posterior indicou alta receptividade. As respostas abertas associaram a experiência a questões de segregação, moradia, relações raciais, desigualdade e trabalho. Também foram registradas dificuldades com ensaios e distribuição de tarefas. A atividade mostra como o teatro pode ampliar as formas de participação e tornar visíveis relações espaciais discutidas em aula. A retomada conceitual pelo professor é decisiva para aprofundar essas primeiras interpretações.

METODOLOGIA

A prática foi desenvolvida com 36 estudantes da 2ª série do ensino médio integrado ao curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas de uma escola pública profissionalizante de tempo integral, em Caridade, Ceará. A experiência articulou Geografia e Língua Portuguesa/Literatura. O percurso foi organizado em quatro etapas, da leitura orientada à avaliação da apresentação. O desenho do relato concentra-se na experiência da turma e nas percepções registradas ao fim do projeto.

Na primeira etapa, a turma leu capítulos selecionados de *O Cortiço* e discutiu a disposição dos espaços e a circulação dos personagens. A leitura dirigida concentrou-se na relação entre a estalagem, o sobrado, a venda e a pedreira. A identificação desses lugares forneceu referências para reconhecer os vínculos entre moradia, comércio e trabalho. Também permitiu discutir o papel do meio na construção naturalista da narrativa e problematizar as explicações que reduzem comportamentos e trajetórias individuais às condições do ambiente.

Na segunda etapa, as discussões aproximaram conflitos do enredo de conceitos da Geografia Urbana. As condições de habitação e os usos dos espaços comuns subsidiaram

ISSN: 2358-8829

o debate sobre segregação socioespacial e direito à cidade. A trajetória de Bertoleza serviu à discussão sobre escravização, exploração do trabalho e desigualdades raciais. O contraste entre personagens e seus espaços de circulação ajudou a situar essas questões no universo do romance, a partir do qual se estabeleceram relações com problemas urbanos do presente.

Na terceira etapa, os estudantes organizaram-se em equipes para adaptar o texto literário à linguagem teatral. O trabalho envolveu elaboração do roteiro, ensaios, interpretação, organização dos cenários e figurinos e preparação de elementos sonoros. Ao selecionar cenas e distribuir personagens no palco, as equipes precisaram decidir quais relações da narrativa poderiam ser mostradas por meio da disposição de objetos, da circulação dos atores e do uso do som. A adaptação constituiu, portanto, uma etapa de interpretação da obra.

A quarta etapa consistiu na apresentação teatral à comunidade escolar e na avaliação da experiência pelos estudantes. O instrumento de avaliação reuniu questões fechadas e abertas. As questões fechadas subsidiaram a descrição de três indicadores: contato anterior com a obra, avaliação da experiência e disposição para recomendar a metodologia. As respostas abertas foram tratadas qualitativamente, com atenção aos conteúdos geográficos percebidos e às dificuldades de execução da atividade. Os resultados são apresentados de forma agregada, com uma síntese temática que preserva a identidade dos estudantes.

As questões fechadas foram analisadas por estatística descritiva. A discussão das respostas abertas foi organizada em torno da leitura das desigualdades socioespaciais e das condições de participação na montagem. O instrumento registra a percepção discente ao término do projeto. Por esse motivo, a análise usa os percentuais para caracterizar a recepção da atividade e interpreta os temas das respostas abertas como indícios das relações que os estudantes estabeleceram entre a obra e os conteúdos escolares.

REFERENCIAL TEÓRICO

Literatura e leitura geográfica do espaço

Marandola Jr. e Oliveira (2009) situam a aproximação entre Geografia e Literatura na possibilidade de conhecer espacialidades por meio da narrativa. Essa perspectiva permite examinar como a organização do espaço participa dos acontecimentos da obra. No romance de Aluísio Azevedo, a estalagem reúne habitação, trabalho, comércio e

convivência. Sua forma e suas relações de propriedade influenciam o modo como as personagens se encontram, obtêm renda e vivenciam os conflitos. Ler a obra geograficamente implica observar como esses vínculos dão sentido aos espaços narrados.

A relação entre ensino de Geografia e Literatura também envolve uma dimensão estética. Silva e Barbosa (2014) propõem considerar a obra literária como produção histórica, social e geográfica. Na atividade, essa leitura permite examinar tanto as desigualdades encenadas quanto a maneira pela qual a linguagem literária as torna perceptíveis. O ponto de vista do narrador, as imagens empregadas para descrever a estalagem e os contrastes entre seus moradores e a vizinhança oferecem material para discutir os juízos que uma narrativa constrói sobre grupos sociais e seus lugares de moradia.

O diálogo com a experiência relatada por Oliveira et al. (2025), também desenvolvida em Caridade, ajuda a situar a escolha pedagógica. Naquele trabalho, o diário *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, orientou uma experiência com Geografia Urbana. O diário registra a cidade pela perspectiva de quem escreve sobre o próprio cotidiano. Já o romance de Azevedo apresenta uma habitação coletiva por meio de um narrador naturalista. O contraste entre os gêneros permite perguntar quem descreve o espaço, de que posição o observa e quais experiências ganham visibilidade em cada obra. O trabalho anterior integra aqui o diálogo bibliográfico.

Lugar, paisagem e relação entre escalas

O conceito de lugar permite examinar a estalagem pelas experiências que nela se acumulam. Tuan (1983) destaca a dimensão da experiência na atribuição de sentido aos lugares. Carlos (2007) articula a análise do cotidiano a processos mais amplos de produção do espaço. A partir dessas contribuições, a estalagem pode ser lida simultaneamente como espaço de vizinhança e sociabilidade e como propriedade que gera renda para João Romão. Essa dupla condição favorece a compreensão de que o mesmo lugar adquire significados distintos para seus moradores e seu proprietário.

A paisagem oferece outro caminho de leitura. As descrições das bicas, da pedreira e da circulação de moradores permitem discutir a configuração material do espaço e os sons, ritmos e movimentos que o caracterizam. As cenas podem evidenciar, por exemplo, que o uso de um ponto coletivo de água organiza encontros e disputas ao longo do dia. A montagem teatral traduz parte dessas relações por meio da voz, do deslocamento dos

ISSN: 2358-8829

atores e da composição do cenário. Cada decisão de encenação torna visível uma interpretação da paisagem narrada.

Costella e Schäffer (2012) discutem o ensino de Geografia a partir da leitura do lugar e da articulação entre escalas. Para os estudantes de Caridade, essa abordagem permite mobilizar conhecimentos sobre o lugar vivido para formular perguntas sobre o espaço representado no romance. O exercício também produz um movimento de retorno: depois de discutir o cortiço, a turma pode interrogar as condições de acesso a serviços, moradia e trabalho no próprio município. Comparar escalas envolve distinguir formas locais de organização do espaço e reconhecer relações mais amplas que ajudam a explicá-las.

Teatro e mediação pedagógica

A transposição da narrativa para o palco exige que as equipes selecionem cenas e materializem relações que, no livro, são dadas pela descrição. Dispor o sobrado e a estalagem em posições distintas, definir quem atravessa um espaço ou marcar a jornada da pedreira pelo som são decisões que podem expressar hierarquias, proximidades e ritmos. A encenação, sob essa perspectiva, funciona como uma leitura espacial da obra. A discussão docente pode recuperar as escolhas de montagem para explicitar as categorias geográficas mobilizadas durante a preparação.

A representação de conflitos raciais e sociais requer uma leitura atenta do contexto histórico e da linguagem naturalista. A trajetória de Bertoleza permite discutir como trabalho, condição jurídica e hierarquias raciais atravessam as possibilidades de autonomia de uma personagem. A organização da cena oferece ocasião para perguntar de que maneira o enredo atribui voz e poder de decisão a cada personagem. Esse procedimento aproxima a atividade teatral da análise das relações de poder, tanto na produção da narrativa quanto no espaço que ela representa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Receptividade da turma

Os dados das questões fechadas indicam que a leitura introduziu uma obra pouco conhecida pela turma e que a experiência foi bem recebida. A Tabela 1 apresenta os percentuais obtidos na avaliação. As três perguntas dizem respeito a dimensões

diferentes: familiaridade anterior, avaliação da experiência realizada e interesse em que a metodologia seja oferecida a outras turmas.

Tabela 1 – Respostas às questões fechadas

Indicador	Percentual
Sem contato anterior com a obra	77,8%
Avaliação positiva da experiência	97,2%
Recomendariam a metodologia a outras turmas	94,4%

Fonte: dados da avaliação da experiência.

O percentual de estudantes sem contato anterior com o livro ajuda a situar a função da leitura dirigida no início da sequência. A seleção de capítulos e a discussão em sala criaram condições para que o texto pudesse ser retomado durante a elaboração do roteiro. A avaliação favorável e a disposição para recomendar a experiência indicam aceitação da atividade pela turma. A interpretação desses resultados ganha especificidade quando articulada aos temas que os estudantes identificaram e aos aspectos do trabalho coletivo que consideraram difíceis.

Moradia, trabalho e desigualdades na leitura do romance

A síntese das respostas abertas apontou aproximações com segregação socioespacial e precariedade habitacional. A estalagem permite reunir essas duas questões em uma mesma análise. A precariedade pode ser examinada pelas condições de uso e manutenção da moradia e pela dependência de instalações comuns. A segregação pede que se considere também como essas condições se distribuem na cidade e como grupos com recursos distintos ocupam espaços diferentes. O contraste com o sobrado vizinho ajuda a distinguir distância física de distância social, pois a proximidade entre os imóveis convive com condições desiguais de moradia.

O trabalho apareceu entre os temas identificados nas respostas. No romance, a relação entre a pedreira, a venda e a estalagem permite analisar a concentração das atividades ligadas à renda do proprietário e o modo como trabalho e moradia se cruzam no cotidiano dos personagens. Em termos didáticos, a comparação entre os usos desses espaços ajuda a perguntar quem trabalha, quem controla os recursos e quem se beneficia da organização material do lugar. O enredo oferece, assim, uma situação concreta para relacionar desigualdade social à produção do espaço urbano.

ISSN: 2358-8829

As relações raciais constituíram outro eixo das respostas. A história de Bertoleza possibilita examinar como a exploração econômica se articula à escravização e à desigualdade racial no universo narrado. Ao vincular esse eixo às demais questões do romance, a análise amplia a discussão sobre o acesso à autonomia, à renda e à moradia. A mediação docente pode aprofundar a comparação com o presente, distinguindo a condição histórica da personagem das formas contemporâneas de discriminação e precarização.

Essas aproximações temáticas sustentam uma discussão sobre as possibilidades didáticas da sequência. O aprofundamento conceitual exige que os estudantes explicitem as relações entre aquilo que identificam nas cenas e o vocabulário geográfico utilizado para interpretá-las. A caracterização de um cômodo ou de uma bica, por exemplo, pode ser o ponto de partida para perguntar de quem é a propriedade, quem partilha a infraestrutura e como se dá o acesso a ela. É nessa passagem da descrição à explicação que lugar, paisagem e segregação ganham função analítica.

Participação, organização dos ensaios e alcance da avaliação

A montagem abriu diferentes frentes de participação, da elaboração do roteiro à interpretação e à preparação dos elementos de cena. Essas tarefas permitiram aos estudantes tomar decisões sobre o que seria mostrado e como cada espaço seria representado. O protagonismo estudantil aparece concretamente na possibilidade de selecionar passagens, adaptar diálogos e organizar o palco de modo a comunicar uma leitura da obra à comunidade escolar.

Ao lado da alta receptividade, foram registrados desafios na organização dos ensaios e na distribuição de tarefas. Esses aspectos fazem parte da análise pedagógica, pois a forma de organizar o trabalho afeta as oportunidades de participar e de interpretar o texto. Em aplicações futuras, combinar responsabilidades desde o início e prever momentos de acompanhamento entre a escrita do roteiro e a apresentação pode ajudar a acompanhar como cada equipe relaciona suas decisões cênicas aos objetivos de Geografia.

A avaliação foi feita ao final da experiência e oferece um retrato da percepção daquela turma. A leitura dos resultados se concentra no acesso à obra, na recepção da proposta e nos temas que emergiram nas respostas. Uma avaliação voltada à aprendizagem conceitual poderia comparar produções anteriores e posteriores à atividade,

como registros escritos em que os estudantes explicassem uma cena com base em categorias geográficas. Essa comparação acrescentaria evidências sobre a apropriação dos conceitos e sobre as mediações que contribuíram para desenvolvê-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência em Caridade indicou que a articulação entre Literatura, Teatro e Geografia pode aproximar os estudantes de processos urbanos situados fora de seu cotidiano imediato. A leitura dirigida apresentou a organização espacial da estalagem, as discussões trouxeram categorias para interpretá-la e a montagem exigiu escolhas sobre como mostrar as relações entre personagens, lugares e atividades. O percurso fez do romance um ponto de partida para examinar questões de moradia, segregação socioespacial, desigualdade racial e trabalho.

Os indicadores descritivos mostraram ampla aceitação da proposta entre os participantes. A síntese das respostas abertas permitiu identificar aproximações com os temas de Geografia Urbana e dificuldades relativas à organização do trabalho coletivo. A receptividade registrada e a variedade de temas levantados ajudam a orientar o planejamento docente. Acompanhamento dos ensaios, divisão explícita das responsabilidades e uma aula de sistematização após a apresentação são desdobramentos compatíveis com as demandas observadas.

O trabalho com *O Cortiço* evidencia a possibilidade de partir das referências do lugar vivido e ampliar a escala de análise pelo encontro com outras experiências urbanas. A contribuição didática da proposta está na ligação entre leitura, representação e explicação geográfica. Ao discutir por que os espaços foram apresentados de determinada maneira e quem pode ocupá-los, os estudantes têm oportunidade de transformar decisões da montagem em perguntas sobre a produção do espaço urbano.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Mediação pedagógica, Segregação socioespacial, Lugar, Paisagem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. [Rio de Janeiro]: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, [s.d.]. Disponível em: https://dominiopublico.mec.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?co_obra=2018. Acesso em: 10 nov. 2026.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

COSTELLA, Roselane Zordan; SCHÄFFER, Neiva Otero. **A geografia em projetos curriculares**: ler o lugar e compreender o mundo. Erechim: Edelbra, 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

OLIVEIRA, Moisés de et al. A literatura como ferramenta no ensino de Geografia Urbana: um relato de experiência a partir de "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., 2025. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2025/TRABALHO_COMPLETO_EV214_ID13527_TB5956_10112025142939.pdf. Acesso em: 10 nov. 2026.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80-89, 2014. DOI: 10.14393/RCG154923358.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.